



## Sejam todos bem-vindos a Demência: Estágio 01

Clara, exausta e já no limite do que poderia ser chamado de sanidade, chegou em casa após um dos dias mais insanos de sua vida. Tudo parecia já ter sido testado: as visitas psicóticas de hiena dizendo que seu pai era um famoso Agrônomo-Ortodontista que já havia “plantado” dentes até no presidente do Zimbábue, os diálogos intermináveis sobre o vazio existencial de Paulo Coelho, e agora, ela estava de volta para mais uma dose de loucura sem fim. Mas ela não sabia que o verdadeiro show estava prestes a começar.

Como se já não bastassem os dilemas morais e familiares que Clara enfrentava, ela abriu a porta de sua casa e se deparou com o circo que estava montado na sua sala de estar. Tadeu, o ex-tamanduá babão, estava ali, como o que se tornou “o novo normal” naquele hospício disfarçado de lar, aprisionado na gaiola de papagaio. Por quê? Porque ele tinha sido vítima do suquinho de caju batizado com laxante infantil dado por Ulysses, e depois de horas no banheiro, saindo de lá levemente desencarnado, ele teve a brilhante ideia de arrumar mais confusão.

Tadeu, agora com a energia de um ser completamente fora de controle, foi acusado injustamente de imitar Letícia, a prima patricinha, aquela que ele tinha “ajudado” com laxantes de cavalo disfarçados em bombons. Letícia, claro, achou que ele estava zombando dela (quando, na verdade, ele estava apenas tentando lidar com sua própria diarreia existencial). Ulysses, como sempre, havia confirmado que Tadeu tinha ganhado a aposta de imitá-la e, com isso, lhe deu cinco reais como prêmio por sua “performance” imitando a prima cagada. Isso só piorou a situação, claro.

Mas o caos estava só começando. Tadeu, que já estava em um nível de demência tão avançado quanto o cérebro de uma abelha com insônia, encontrou uma maneira de chamar o robô e, sem nenhuma consideração pela sanidade de ninguém, inscreveu-se no programa de televisão “Casos de Famílias (perturbadas)” para expor a sua própria família e as atrocidades que, segundo ele, estavam acontecendo. E como a vida de Clara nunca poderia ser simples, quem ela encontrou em sua casa naquele dia? Ninguém menos que Cátia, a carcará, apresentadora do programa mais insano e baixo da TV brasileira.

Cátia, vestindo um vestidinho tubinho preto de grife caríssima, com o olhar afiado e a arrogância de quem tem a alma mais vazia que um programa de auditório de canal fracassado, estava ali para “salvar” a situação. Clara entrou na sala, com a cara de quem trombou com uma Ferrari e agora teria que pagar o prejuízo. E foi aí que Cátia, como uma carcará psicopata do caos, fez o seu movimento, com as duas mãos na cintura e um sorriso de quem sabe que vai destruir qualquer vestígio de paz na

casa de Clara.

“Você deve ser a tia alcoólatra dele, já vi seu rostinho lindo nos outdoors de caipirinha gourmet. Aquela que quase me levou à falência e à cirrose também. Quem resiste a uma má caipirinha de brigadeiro com creme de avelã?!” Cátia disse, com uma empolgação de quem estava anunciando um show de horrores. E, como se já não fosse o suficiente, todos na sala levantaram as mãos, inclusive Clara, que, com um sorriso sadico, respondeu: “Sim, essa caipirinha eu inventei para um cliente muito especial e rico. Não é pra alcoólatras de programas de TV pra aposentados e desempregados sem autoestima.”

O silêncio foi quebrado com risadas altas, e todos pararam assim que Cátia virou-se para a sua produção com cara de quem estava visivelmente irritada, mas Osvaldo ainda ria e gargalhava alto ao fundo, na cozinha.

Osvaldo, sempre o oportunista, engasgando de tanto rir, e, por um segundo, Clara teve a certeza de que ele estava com mais câimbras do que uma ginasta olímpica de tanto rir da desgraça alheia. Ele olhou para ela com uma expressão de quem estava presenciando o apocalipse versão Great Sister Brazil e sussurrou, só para Clara ouvir: “Não é todo dia que você vê uma carcará com tanto potencial de ser palhaça até fora da TV!”

Cátia, tentando manter a compostura de apresentadora e fingir que tinha algum respeito pela família de Clara, respondeu com uma frieza que só ela sabia manter: “Eu estou aqui para resolver esse problema idiota, Clara. Eu vim em defesa do pobre tamanduá babão que está aprisionado na gaiola. O que está acontecendo aqui é um abuso. Não podemos permitir isso em nossa sociedade. Eu estou aqui para ajudá-lo a sair dessa prisão emocional e, claro, expor esse problema para o Brasil inteiro. Vamos dar um fim nessa babaquice de uma vez por todas.”

Tadeu, com a cara de quem estava no centro de um inferno psicológico que ele próprio criou, cruzou os bracinhos e disse, com uma voz tão desdenhosa quanto possível: “Não sou babão coisa nenhuma, Cátia. Isso é coisa que todo alcoólatra faz após dar um showzinho de fluência em línguas mortas. Você é só uma carniceira da TV, quer saber o que eu realmente penso? Eu sei que você quer esse problema idiota no seu programa fracassado. Nem tente defender essa bosta de programa, pois ontem o tema era: Unha encravada! Doença ou estilo de vida? Você quer mais audiência, mais grana, mais merda pra aumentar seu Ibope lixo. Então, se você não quiser me ajudar, sem me ofender mortalmente, pode dar no pé. Eu vou chamar o Conselho Tutelar e dizer que você me disse que eu mereço estar nessa gaiola e que minha bolacha de maisena deve ser retirada e a chave jogada fora!”

Cátia, completamente fora de si, quase teve um AVC por ser humilhada por um tamanduá de seis anos, enquanto a sua produção gargalhava sem parar. A produção, que estava tão fora de controle quanto a própria Cátia, começou a babar de tão louca que ficou, só de imaginar o tamanho do impacto de ser processada por uma criança através do Conselho Tutelar. Clara e Osvaldo, não aguentando mais, saíram do corpo de tanto rir da tirada diabólica de Tadeu. A sala parecia um circo do caos, com o pânico e a diversão se misturando de maneira tão absurda que parecia um pesadelo coletivo.

Quando, finalmente, a produção se acalmou, Cátia, se virou para Clara - que já estava roxa de tanto rir - e disse, com um tom de ameaça disfarçado de ironia: “Você sabe, querida, mexeu com ele, mexeu comigo! Agora, todos nós vamos para o meu palco amanhã. Inclusive a lobo-guará golpista Letícia, que o prendeu. Vamos ver todos vocês no meu programa, às 3 da tarde. Se não souberem o endereço, é só procurar no Google. A gente vai resolver isso com a ajuda do Brasil!”

Clara de repente teve um arrepio na coluna e pensou em voz alta: “Essa cretinice de merda vai ter continuação? Pô! Fala sério, cacete! Vou ter que ficar olhando pra cara medonha da Cátia ao vivo e forçar surpresa? E pior! Fingir que estou feliz de me expor num programa de TV para neandertal? Só falta me dizer que vou ter que me vestir bem e entrar sóbria no palco, ninguém merece isso!”

Clara só se deu conta que disse tudo em voz alta ao ver a produção rolando e se mijando de rir e Cátia rangendo o bico de ódio, incapaz de dar uma resposta à altura.

E com isso, Cátia foi embora, deixando a casa de Clara mais bagunçada do que nunca. A tensão estava no ar, mas a única coisa que Clara sabia era que sua vida, agora mais do que nunca, parecia um grande espetáculo de horrores.

Mas, no fundo, Clara se perguntava: Quando tudo isso vai parar? A resposta? Em algum momento do futuro... ou talvez nunca.